



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

UMA OCUPAÇÃO FEMININA: QUESTÕES DE GÊNERO NA OCUPAÇÃO DA ESCOLA JAF EM CRATO-CE.

Larissa Araújo Santos

Universidade Regional do Cariri - larissaraujo0108@gmail.com

Maria Paula Jacinto Cordeiro (orientadora)

Universidade Regional do Cariri - paulacordeiro@gmail.com

RESUMO

Esse é um trabalho de pesquisa com relatos de experiência, construídos por meio de observação participante na ocupação da escola José Alves Figueiredo na cidade de Crato, Ceará. Tem o objetivo de identificar de que forma o ato político de ocupar a escola em apoio à greve dos professores pode levar a tensionar tanto questões de gênero, quanto várias discussões sobre reforma educacionais e o cenário atual que as levaram jovens, em sua maioria do sexo feminino, a ocupar sua escola. O trabalho aponta dificuldades enfrentadas, principalmente que as envolvem diretamente as ocupantes, assim como entender como lidam com esses conflitos que as envolvem. Observei que os lugares socialmente demarcados como masculinos e femininos aparecem na ocupação, seguidos de várias questões e conflitos envolvendo o gênero feminino dentro da mesma. De modo que, as ocupantes estão a todo o momento questionando essas demarcações. Pensando a importância de estarem ali, tanto em apoio aos professores, como por melhorias na estrutura de sua escola, e na educação de um modo geral. Além disso, como plano de fundo está à luta por uma educação diferente, uma escola melhor. As pressões por parte de várias pessoas que não apoiavam o movimento, e em contraste o apoio de várias pessoas e movimentos sociais. Possibilitando em meio a esse cenário, perceber amplamente como marcações de gênero, a todo o momento tenta afirmar papéis e lugares sociais. Contrastando dualmente com a luta por uma educação diferente, como também para conseguir manter a ocupação em meio a diversos conflitos que as envolviam.

Palavras Chaves: Gênero, Ocupação, Feminino, Educação.

INTRODUÇÃO

Neste artigo, abordo questões de gênero, envolvendo o grupo feminino de ocupação da E.E.F.M José Alves de Figueiredo, em Crato, CE. Busquei entender que tensões envolvem as meninas na ocupação. Além disso, procurei compreender por meio de minhas observações, quais são as dificuldades enfrentadas e como as meninas lidam com as tensões dentro do movimento de ocupação.

Desde quando a greve dos professores do Estado do Ceará começou no dia vinte de abril de 2016, as escolas começaram a ser ocupadas. A E.E.F.M José Alves de Figueiredo, foi ocupada no dia seis de maio deste ano, por iniciativa dos próprios alunos. A partir daí, estive no local e muitas coisas me chamaram a atenção. O principal aspecto foi acerca de ser um movimento de estudantes onde o protagonismo feminino



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

é claro, partindo da premissa que durante a maior parte da ocupação com participação de onze estudantes, nove são meninas.

Desde o começo da pesquisa, muitas questões envolvem as jovens, principalmente envolvendo o gênero. Tentei entender como as meninas lidam com todo o cenário que as envolviam, considerando seus posicionamentos em relação as várias problemáticas, tanto em relação a educação, quanto à ocupação em si e tudo que diz respeito a ela.

METODOLOGIA

A pesquisa se deu com observações em vários turnos diferentes. Metodologicamente utilizei os recursos da observação participante e nesse contexto, tanto conversei muito com as pessoas envolvidas além das ocupantes, como, diante das questões que se apresentaram realizei um minicurso sobre gênero e sexualidade. Em alguns momentos, utilizei gravador para conseguir captar com melhor precisão as falas.

O COMEÇO

Tudo começou com a greve dos professores deflagrada em 20 de abril de 2016, depois das pautas reivindicadas pelo movimento grevista não terem sido atendidas, principalmente o ponto relacionado ao ajuste salarial. A partir daí, vários alunos de todo o estado se articularam para ocupar as escolas, não somente em apoio aos professores, mas também para reivindicarem, suas próprias pautas. Em Crato, quase todas as escolas da rede pública entraram em greve, menos uma profissionalizante a E.E.E.P Governador Virgílio Távora.

Em Crato, duas escolas se mantiveram ocupadas até meados de julho: E.E.F José Alves Figueiredo e E.E.M Liceu do Crato. O Liceu foi a primeira e a notícia de que a segunda escola (JAF) havia sido ocupada em Crato, chegou através das redes sociais. Esta escola foi ocupada no dia seis de maio de 2016, segundo os alunos responsáveis pela ocupação. Ainda segundo os discentes, começaram a articulação através das redes sociais (whatsapp e facebook). Eles relatam que no começo não sabiam direito como iria ser, a única certeza era que a escola deveria ser ocupada. De acordo com a página do facebook *Estado do Ceará em Luta*, essa foi a décima terceira escola a ser ocupada e segundo a fonte foram 66 escolas ocupadas no estado. A página tem atuação política importante no sentido de que consegue unir todas as ocupações, divulgar e incentivar outros alunos, além de conter várias articulações e informações importantes, como atos de protesto e atividades de escolas ocupadas. Para os alunos, a ocupação é uma forma tanto de apoiar os professores, como de luta por mais recursos e suporte, já que escola, de acordo

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

com os alunos, precisava de melhor infraestrutura. Outra demanda é de mudanças educação como um todo.

Os alunos do JAF possuem também sua própria página nas redes sociais, assim como grupo no whatsapp. Para eles, a ocupação representa uma forma de apoiar os professores e, também, de lutarem por melhorias na educação na própria escola. Também construíram suas próprias pautas, como mais verba para a merenda, reformas nos banheiros e biblioteca.

Depois de uma semana de ocupação, decidi despretenciosamente ir à escola, para ajudar na feijoada do domingo e também colaborar na nova agenda de atividades da semana, que é feita neste dia. Ao me aproximar por volta das nove da manhã, comecei a ouvir um canto que vinha da escola. No portão e também nas paredes da entrada, muitos cartazes: “Mãe desculpa, deixei o quarto bagunçado para arrumar a educação” “Eu apoio meus professores”. Já dentro o som de atividades era muito alto, música de roda de capoeira era escutada da esquina. Uma grande roda ali, muita animação e muita gente de todas as idades. Ao entrar na cozinha, percebi que já havia comida no fogo. Naquele dia, não se encontrava nenhum aluno na cozinha, era o descanso deles e por lá só havia voluntários e visitantes, uns universitários, outros professores, além de mim que decidi me juntar ao grupo.

A todo o momento chegavam doações de alimentos. A diretora fechou a dispensa da escola para que os alunos não utilizassem os alimentos. Ela justificou que se fossem utilizados os alimentos da escola quando as aulas voltassem, ela não teria como fornecer a merenda aos alunos. Em meio à cantoria da roda de capoeira e a feijoada no fogo, o gás acabou. O pai de uma das alunas ocupante da escola, que possui depósito de gás, forneceu um bujão, instalou e ainda cobrou mais barato para a escola, valor que foi pago pelos alunos através de doações em dinheiro que eles receberam. Por conta do imprevisto, o almoço atrasou um pouco, ficou pronto por volta de uma e meia da tarde. Visitantes e ocupantes comiam juntos ao som do violão e do canto de alguns visitantes, o clima era descontraído, trocavam-se ideias, jogavam-se conversa fora. De repente, uma discussão começou, entre um dos ocupantes e a segurança da escola naquele dia. Eles discutiam por equipamentos da escola que ela havia emprestado ao discente, que tinha ficado responsável por devolver o material. Os dois discutiram em voz alta, mas não durou, logo parou e cada um voltou às suas atividades. Todo o clima mudou após esse momento, todos pareciam não compreender direito o que tinha acontecido. Nenhum professor estava no local naquela hora.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Mais tarde, todos os ocupantes e visitantes se reuniram para montar a programação da semana. Várias pessoas de movimentos sociais da região do Crato e do Cariri estavam presentes: Frente de Mulheres do Cariri, Coletivo Marias, Pretas Simoas, Page. A primeira agenda de atividades deles foi montada com o apoio de várias pessoas, dentre eles estudantes, professores e uma assistente social que se disponibilizaram a contribuir com alguma atividade que trouxesse conhecimento aos ocupantes, mas também entretenimento. Como a ocupação ainda estava recente, a programação foi montada ao longo da semana, conforme as pessoas tiveram conhecimento sobre o ocorrido foram propondo atividades. Nessa semana a maioria foi artística, como oficina para aprenderem a confeccionar filtros dos sonhos e bonecos de pano.

SEMANA DE ATIVIDADES

No dia 16/05 segunda-feira, foi marcada uma roda de conversa com os pais sobre a ocupação. O motivo era porque muitos pais não viam no movimento nenhuma legitimidade também não permitiam que suas filhas dormissem na ocupação, não compreendiam todo o envolvimento deles em apoio aos seus professores e ao movimento político dos mesmos. Ao chegar à escola, às seis da noite, horário marcado para a roda de conversa, nenhum pai ou mãe havia chegado, somente os ocupantes até então. Foi esperado até um pouco mais tarde para o início das atividades. Trinta minutos depois a primeira mãe chegou, depois de mais dez minutos a segunda e ultima mãe chegou, foi decidido começar para que não ficasse muito tarde.

Dos treze ocupantes da escola, mais nenhum responsável apareceu. O que acontecia ali levantava muitas questões, mas algumas emergiam com mais força: estariam os pais indiferentes ao que acontecia na escola? Que conceitos teriam sobre a escola? Como se pode mudar uma situação, onde os pais não participam da vida escolar do filho? A escola também não deve ser feita em participação dos pais e comunidade? Essas são perguntas que ficaram diante de uma realidade escolar nova e que colocava em xeque o lugar da escola e seu papel na formação dos jovens.

Essa atividade foi iniciada com uma Professora da URCA (Universidade Regional do Cariri), que explicou para as mães presentes a importância da greve dos professores, por que e como ela se deu. Justificando que greve é ultimo recurso, diante de situações de extrema importância a serem alcançadas. Este foi um movimento em favor da escola que os estudantes entenderam no momento em que a ocuparam, apontou a



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

professora. Uma das mães se pronunciou e discutiu com a gente a questão do medo pela filha ocupante, medo que a escola sofresse represália e que temia pela segurança da mesma. A solução que surgiu na conversa em relação a isso foi: os pais participarem mais da ocupação, dormirem com os filhos na escola, além de pedir o reforço do policiamento nos arredores da escola.

Outra coisa esclarecida foi a respeito do momento político do país, mesmo que de uma forma superficial e sucinta, se pôde entender todo o contexto por um ângulo que não se entende através da mídia. Apesar de apenas uma mãe participar da discussão, foi interessante ver que ela entendia o movimento da ocupação, ao mesmo tempo em que sofreu coerções de relações próximas, no sentido de que foi interpelada diversas vezes, por vizinhos questionando o fato de deixar a filha participar do movimento de ocupação.

A mesma sugeriu também a divulgação do movimento através das rádios para os pais e comunidade que não acompanham as redes sociais, tanto para pedir apoio, quanto para as arrecadações de alimentos. Ela pediu para que um responsável dormisse na escola, pois ela ficaria mais tranquila. Muitos outros ocupantes que não tinham seus pais por perto reclamaram da falta de apoio. Esse foi um momento significativo, oportunidade de discutir democraticamente várias questões importantes em relação aos filhos. Outra questão discutida foi o consentimento dos pais para que suas filhas (entre 13 e 14 anos) pudessem dormir na escola.

A guarda (a mesma que mencionei mais acima, que discutiu com o aluno) que fica nas escolas em alguns dias da semana, só libera a dormida das meninas com autorização dos pais, porém, os meninos que dormem lá todos os dias não precisaram de autorização alguma. Vale pontuar que esse é um problema ligado principalmente ao gênero, pois meninas e meninos ocupam espaços diferentes, e isso como se pode perceber não muda na escola. Um discurso que segundo a autora Guacira Lopes está ligada também ao sexo biológico, servindo para compreender desigualdades.

O argumento de que homens e mulheres são biologicamente distintos e que a relação entre ambos decorre dessa distinção, que é complementar e na qual cada um deve desempenhar um papel determinado secularmente, acaba por ter o caráter de argumento final, irrecorrível. Seja no âmbito do senso comum, seja revestido por uma linguagem "científica", a distinção biológica, ou melhor, a distinção sexual, serve para compreender — *e justificar* — a desigualdade social. (LOPES, 1997, p. 20 -21)



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

O que a autora tenta expor é justamente as questões de gênero estarem diretamente ligadas ao sexo, mas não só isso, pensar como o gênero é construído, ideia de gênero construído socialmente, que Judith Butler nos anos noventa já problematizava, a partir disso, pensar como ele é caracterizado, valorizado e representado em sociedade, e que o gênero também se constrói nessas instituições. No momento em que não se tenta discutir a preocupação em relação a uma possível problemática de relações sexuais ou algum tipo de abuso que poderia acontecer no ambiente da ocupação sem nenhum responsável por perto, mas que é muito mais cômodo deixar meninas de fora de um espaço ao invés de conversar sobre o assunto com todos os adolescentes. A escola não deixa de ser lugar de reforçar desigualdades, como afirma Ruy Canário ao problematizar a escola como uma “instituição”, “organização”, que o pelo fato de não se discutir, ou pouco abordar gênero e sexualidade continua a reforçar desigualdades que envolvem essas problemáticas.

As questões de gênero começaram aparecer na ocupação de forma bem clara, mais uma vez se percebendo, como já aponta a autora Guacira Lopes, que os espaços são ocupados de forma diferente por meninas e meninos. Na escola isso não é diferente, nem mesmo em tempos de ocupação. Terminada as pautas e com deliberações a serem feitas, como a organização para que as meninas possam dormir na escola e a divulgação do movimento grevista nas rádios, a conversa se encerrou. Uma das mães agendou um dia para dormir na escola, junto com a filha.

No dia seguinte, a atividade foi com um professor da Universidade Federal do Cariri sobre educação. Ele falou um pouco de sua trajetória em ocupações, perguntou aos ocupantes como tudo começou e como estava sendo a experiência deles na ocupação. As respostas foram as mais diversas possíveis e bem surpreendentes. Vários relatos envolvendo todo o aprendizado na ocupação. Eles expuseram que, no momento em que pensaram na ocupação, não imaginavam como seria a experiência. Aos poucos, segundo eles, houve organização para a realização das tarefas, como limpeza da escola e preparação das refeições. Com isso, eles afirmaram aprender a se organizar, a dividir, compartilhar e conhecer melhor uns aos outros. Pois antes os alunos, que são todos do nono ano, só que de salas diferentes, não se davam bem. Segundo eles, os alunos do 9ºA não gostavam do 9ºB e vice versa. Depois da ocupação as diferenças terminaram, pois eles tiveram que conviver juntos e se conheceram.

“Sinto-me mais adulta” disse uma aluna, “aprendi aqui coisas que eu nunca iria aprender em sala de aula”. “Hoje eu estou aqui lutando por uma escola melhor para todos”, essas foram algumas falas que eu pude apreender dos



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

alunos no debate deste dia. Tudo o que eles relataram foi bastante interessante se pensado do ponto de vista do ganho de conhecimento e aprendizagem que esses alunos estavam tendo. Era possível ver a escola sendo ressignificada em relação a tudo, aos seus conteúdos, as formas de serem passadas as informações. Numa ocupação é muito importante o que o aluno tem a dizer, de forma que ele constrói ativamente o saber e a escola enquanto espaço de conhecimento. A escola se redefiniu um lugar onde um ajuda o outro, porque eles entendem que juntos, não só são melhores, mas que podem ir mais longe, “ganhando mais amigos, mais sorrisos, mais maturidade”, como afirma a aluna. E o que é mais interessante é isso tudo ser protagonizado por mulheres.

Na quarta-feira, dia 18 de maio, os ocupantes fizeram atividades mais leves e descansaram. Neste dia, foi lançado nas redes sociais e internet um vídeo gravado na escola com os alunos falando sobre a importância para eles do momento no qual viviam. No vídeo, os alunos ainda deixam claras várias pautas e reivindicações deles por melhorias como: aumento da verba para merenda na escola, salas climatizadas, banheiro utilizável, biblioteca com livros de verdade, contra o sucateamento das escolas em geral, ferramentas de pesquisa e auxílio nas salas que realmente prestem, laboratórios bem equipados e equipamentos multimídia utilizáveis. E depois desse vídeo, várias reformas estão sendo feitas na escola, atendendo a algumas dessas reivindicações.

No dia seguinte, quinta-feira, uma das atividades foi uma oficina de estêncil onde os ocupantes fizeram várias ilustrações com spray, sobre a ocupação no muro da escola. Várias frases como: “ocupação do amor”, “queremos educação de qualidade”, “ocupa JAF” são algumas das várias intervenções no muro da escola. Os alunos fizeram essa atividade no horário da manhã. De acordo com os ocupantes, a diretora não gostou da intervenção dos alunos, reclamou e argumentou que foram pichações feitas no muro da escola, e que tudo deveria ser pintado ou feito de forma diferente, algo relacionado a Patativa por exemplo. E aí se pode refletir a escola JAF, como um espaço de autonomia, (espaço onde os alunos diferentemente dos dias convencionais de aula interferem diretamente nas decisões e atividades realizadas na escola) não é bem compreendida pela diretora da instituição, que não consegue entender nem a arte feita nos muros, nem a importância da atividade realizada com o protagonismo dos discentes. As bases escolares infelizmente estão engessadas no modelo educacional que já não funciona mais, uma escola que se encontra em crise (CANÁRIO, 2005).



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Na sexta, a atividade foi proposta por mim, planejei um minicurso sobre gênero e sexualidade. Pensei nesse tema não no enfoque no trabalho, mas também pelo machismo forte que notei, por parte de um ocupante, tentando se afirmar dentro da ocupação como chefe, sua forma de expressar o que queria de forma autoritária e agressiva. Então decidi debater a desconstrução de gênero principalmente, a importância de falar sobre sexualidade, papéis sociais esperados, já que no grupo da ocupação existem algumas pessoas que se consideram homossexuais e bissexuais. Pensando na desconstrução do gênero e sexualidade eu levei dois curtas: “Mundo ao contrário”, um curta interessante para se debater o preconceito, pois nele contém uma inversão de papéis. O outro vídeo é uma produção francesa, chamada “Maioria oprimida”, que mostra homens sendo oprimidos por mulheres em uma série de situações que geralmente mulheres passam com homens.

Primeiramente eu passei os dois vídeos, para ao fim discuti-los. Eu não consegui o equipamento da escola para projetar os dois vídeos, no início só haviam chegado quatro meninas e pelo pouco número assistimos pelo notebook, sem Datashow. O momento foi produtivo, aos poucos chegaram mais alunos/as e até a diretora da escola se juntou a nossa discussão. Como referencial trouxe a autora Simone de Beauvoir em sua obra “o segundo sexo”. Perguntei os/as ocupantes se eles saberiam me explicar a autora queria dizer em sua famosa frase “não se nasce mulher: torna-se”. Estratégia que usei para que eles pensassem nas construções de gênero, principalmente femininas, relacionando com o curta metragem “Maioria oprimida”. Consegui que eles chegassem a linha de pensamento do gênero como construção social.

Discutindo o outro curta, que aborda sexualidade com os/as adolescentes perguntei o que acham da problemática do vídeo em questão, em relação ao preconceito. As respostas foram surpreendentes, um dos meninos relatou o momento em que assumiu sua homossexualidade para os pais, a difícil aceitação e os medos em relação ao preconceito. Depois desse depoimento outras duas pessoas contaram seus momentos com as famílias quando também assumiram sua homossexualidade. A discussão voltou-se para pensar como este é um momento bastante importante, pois esse é muitas vezes um ponto delicado para pais e filhos. Muitas vezes o filho não é levado a sério, ou não é aceito, ou os pais preferem que o filho não conte pra ninguém, (motivos explícitos pelas três pessoas que contaram sua experiência). Percebi que as pessoas se sentiram a vontade para compartilharem suas experiências, inclusive para dizer que se sentiam muito bem na ocupação, que puderam discutir e refletir coisas que geralmente não discutiam na



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

escola. Diante das expectativas tanto de gênero quanto de sexualidade, pude perceber nas falas deles o quanto isso os afetavam diretamente, por não se enquadrarem nas expectativas heterossexuais, sobre isso Guacira Lopes afirma:

A construção dos gêneros e das sexualidades dá-se através de inúmeras aprendizagens e práticas, insinua-se nas mais distintas situações, é empreendida de modo explícito ou dissimulado por um conjunto inesgotável de instâncias sociais e culturais. É um processo minucioso, sutil, sempre inacabado. (LOPES,1995, p. 18)

A autora discute o processo de construção do gênero e da sexualidade, e ainda fala de instâncias que contribuem diretamente para esse processo, uma delas é justamente a família. No caso, dos depoimentos dos ocupantes deixam claro o quanto tentar engradar-se a heterossexualidade desejada pela família não traz contentamento quando não é esta a sua orientação.

A despretensão, o peso menor que uma simples roda de conversa pode trazer, pode fazer com que os/as discentes se sintam a vontade para falar de questões tão delicadas. Estes são processos que também deveria ser importantes na aprendizagem do/da educando/a. Contudo, geralmente não é uma estratégia contemplada na escola, seja por falta de interesse ou preparo dos educadores.

No sábado ocorreram outras atividades, como um filme sobre ditadura. No domingo houve uma roda de conversa com o Coletivo Marias¹ sobre Sororidade (união ou amizade entre mulheres). Que segundo o Coletivo foi pensado porque a maioria das estudantes eram meninas. Além desse fato, se percebeu que mesmo os homens sendo minoria lá (apenas dois), um deles queria ser superior aos demais: não fazia as atividades, reclamava de tudo que as meninas faziam. O espaço foi proposto apenas para as meninas da ocupação, com uma dinâmica, com o intuito de fazê-las perceber que são mais fortes e conseguem ter controle quando estão juntas, pois sozinhas é difícil alcançar um objetivo.

O momento se iniciou com uma dinâmica com balões que continham perguntas dentro. Primeiramente, cada uma das meninas escolheu um balão e encheu com ar, pediu-se para que cuidassem dele, que deveria permanecer no ar. Aos poucos a pessoa que coordenava a dinâmica pedia para que as meninas aleatoriamente fossem saindo e deixando os seus balões

¹ Grupo feminista da região do Cariri que discute performances e debates para mulheres, e também de luta contra qualquer tipo de opressão feminina.

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

para que as outras meninas cuidassem para ele permanecer no ar. Depois que restou a última pessoa a dinâmica terminou e cada uma das meninas estourou um balão.

As meninas sentaram em roda e cada uma lia e respondia pergunta contida em seu balão. Algumas perguntas como: “o que é Sororidade”, “o que é feminismo”, questões pensadas pelo coletivo para que se conseguisse combater o machismo presente na ocupação. Por decisão das meninas foi promovida uma assembleia para debater o uso de autoridade abusivo de um dos dois únicos homens da ocupação, que também namorava até então uma das ocupantes, e que se intitulava chefe da ocupação, ao fim da assembleia ele foi banido do cargo, pois segundo as mesmas já haviam tentado dialogar sobre o problema, mas não obtiveram resultados positivos, além de receberam até ameaças por parte do ocupante. Deliberadas todas as demandas e com o esgotamento da roda de conversa foi agendada a assembleia para o outro dia. O colega ocupante foi informado da reunião, porém depois de ter sido informado das devidas deliberações, ele não apareceu mais na ocupação. A partir daí, ninguém mais ocupou essa posição, a ocupação é liderada por todos e as decisões são decididas por todos.

Nesse momento da roda de conversa as meninas conduziram o diálogo também para o relacionamento abusivo, discutindo com a colega de ocupação, que recebia ordens do namorado ocupado como: “Varra aquele lugar para mim”, “faça minha comida”. Como outros tipos de atividades que no cotidiano são naturalizadas como sendo femininas, mas que não competiam somente a ela por ser mulher. Segundo as meninas que ocupam a escola, muitas outras atitudes abusivas e machistas ocorrem por parte do colega, como: não querer realizar atividades domésticas, lavar a louça, cozinhar (que segundo elas ainda exigia a refeição ao seu gosto e paladar) varrer, separar alimentos que as meninas não podiam comer, somente os meninos, entre várias outras situações constrangedoras. É válido pensar com Pierre Bourdieu como as estruturas históricas masculinas nos fazem refletir sobre a dominação, que diz:

A divisão entre os sexos parece estar ‘na ordem das coisas’ como se diz por vezes para falar do que é normal, natural, a ponto de ser inevitável: ela está presente, ao mesmo tempo, em estado objetivado nas coisas (na casa, por exemplo, cuja as partes são todas ‘sexuadas’), em todo mundo social e, em estado incorporado, nos corpos e nos *habitus* dos agente...” (2002, p.7)

Bourdieu nesse trecho vem falar das divisões socialmente construídas dos sexos, como naturais, e por isso legitimadas. E que ela se reproduz através do discurso e até mesmo dos



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

lugares que, como afirma o autor, são sexuados, de forma que os espaços também são construídos como femininos e masculinos.

É nítido perceber que a configuração feminina, da ocupação fez com que muitos debates, discussões e conversas fossem pensadas especificamente nas mulheres presentes na ocupação. E que várias formas de pedagogias feministas (olhar pedagógico destinado fundamentalmente às mulheres) que mediavam os conflitos que envolviam o gênero feminino dentro da ocupação. Em busca de ajudar, como dizem as próprias (feministas), a “empoderar” as meninas de forma a tanto questionar e refletir tudo que as envolviam de forma negativa, mas também a não naturalizar os comportamentos e atitudes que as inferiorizem ou lhe afetem de forma desproporcional em relação ao sexo oposto.

Identifica-se que o foco além de tentar acabar com um problema de opressão, é acabar com uma relação de hierarquia presente no movimento. Hierarquia essa que a todo momento se mostra presente na escola, não só em relação ao sexo. Mas também a todos os tipos de hierarquia, relacionadas aos vários estatos, presentes dentro da instituição escolar.

A escola se configurando como um espaço onde há níveis de superioridade não representa o movimento que se formou com as ocupações, existem novas construções coletivas. Pensando na pedagogia feminista que Louro (1995) argumenta, a ocupação JAF foi se tornando um lugar de igualdade de ouvintes e falantes, mudando a competição para cooperação. Sem deixar de ressaltar que mesmo não existindo hierarquias, ainda existem relações de poder, de modo que mesmo em discussões de igualdade de gênero, não deixa de existirem poder sobre algum grau ou tipo, partindo do suposto que onde a relações entre os indivíduos, existem formas de poder.

O fato é que se pode perceber que a escola como sendo uma instituição, que não é dissociada do social, contém questões de gênero envolvendo machismo, sexismo preconceito. E que a opressão implicada ao gênero feminino, não deixa de ser reproduzida em ambientes escolares, mesmo em tempos de ocupação, um lugar de luta pelo interesse de todos.

CONCLUSÃO

Todos os processos que pude acompanhar ao longo de uma semana, me mostraram como questões de gênero a todo momento borrravam com os papeis construídos socialmente, tanto dentro, como fora da escola. Acompanhar todas essas questões que envolveram as



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

meninas na ocupação, mostraram que atribuições ou privações direcionadas a elas eram sexistas.

As formas de organização e de tomada de decisão de uma ocupação nos moldes do que foi observado, apontam que a construção da escola pode ser realizada de outra maneira, como nova significação e modelagem, somado as questões de gênero que envolvem as meninas com a ocupação. Esse contexto também aponta a dimensão de protagonismo de mulheres nesses movimentos que aparece até na forma de resistir a ocupação e não abandoná-la.

Pude identificar vários tipos de dificuldades que as ocupantes viveram ao longo de uma semana de observações. Problemáticas que envolviam somente o gênero feminino, pelo fato especificamente das ocupantes serem mulheres. Entender e constatar que a escola, mesmo que em um contexto diferente que nesse caso é a ocupação, não deixou de reproduzir desigualdades, preconceitos e marcações negativas da diferença pelo gênero por causa do machismo é um aspecto que pude observar, na medida em que expectativas em relação aos papéis de gênero influenciam diretamente, no tipo de comportamento que o indivíduo deve exercer de forma legitimada pelas suas relações mais próximas.

REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo**. 4 ed. Difusão europeia do livro, São Paulo, 1970.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. 2 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003

CANÁRIO, Rui. **A escola como construção histórica**. In: _____. **O que é escola? Um olhar sociológico**. Porto: Porto Editora, 2005. P. 59 A 88

FACEBOOK - **Escolas do Ceará em Luta** – Disponível em:

https://www.facebook.com/pages/info_request/create/?field_type=376081639179091&location=testing&recipient_id=484691288408711. Acesso em 3 de junho de 2013.

LOURO, Guacira. **Gênero, História e Educação: construção e desconstrução**. **Educação e Realidade**, Vol.20 (2), jul/dez. 1995.

_____. Guacira. **Gênero, sexualidade e educação**. Petrópolis, RJ. Uma perspectiva pós-estruturalista /: Vozes, 1997.